

Luca Van Campenhoudt, *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*, Gradiva, Lisboa, 2003.

Raymond M. Lee, *Métodos não interferentes em pesquisa social*, Gradiva, Lisboa, 2003.

As obras de introdução ou de divulgação são por norma trabalhos feitos a pensar em temas já consagrados e num acolhimento público pouco criterioso, escritas com um prazo de validade limitado e facilmente substituíveis por «novos lançamentos» pouco posteriores e pouco diferentes. Produtos mais editoriais (empresariais) do que verdadeiramente formativos, a sua constante reprodução supre necessidades livres mas poucas vezes serve para fazer avançar o leitor em direcção a um corpo teórico (qualquer que ele seja) de uma forma efectivamente diferente daquela até então ao seu alcance. Por a realidade de tantas obras e colecções ser esta, num cenário longe de ser exclusivo de Portugal, a publicação pela Gradiva de *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais* e de *Métodos não interferentes em pesquisa social* merece ser notada como excepção meritória.

No caso do livro de Campenhoudt, trata-se de uma introdução à teoria social entendida de forma ampla, sem a reduzir à Sociologia. Autores disputados com outras tradições, como Marx e Elias, ou mesmo pacificamente considerados exteriores à disciplina (Mauss) são aqui estudados, enquanto nomes centrais da Sociologia (Comte, Pareto, ou mesmo Parsons) são quase ignorados. O carácter introdutório justifica as opções do autor, bem como a estrutura do livro, em que a uma «pesquisa de referência» sobre um dado tema se segue uma «contribuição complementar», articulando leituras diversas de fenómenos correlatos de formas por vezes inesperadas (como Marx em complemento de Bourdieu). Escapando à armadilha da simples cronologia, a sequência introdutória deste livro é temática, partindo de problemas metodológicos para uma abordagem mais centrada na aplicação efectiva da reflexão teórica (embora as duas vertentes nunca sejam isoladas em nenhum autor).

Evitando uma versão monolítica da Sociologia em privilégio da apresentação do valor produtivo da conflitualidade entre diversas correntes da disciplina, não perdendo de vista as relações com outros saberes, Luc Van Campenhoudt não introduz o leitor propriamente ao

«estado da arte» (para quê, numa obra introdutória?), em vez disso opta por fazer um roteiro ao longo de problemas que definiram a análise social contemporânea. Em apenas trezentas páginas um tal percurso nunca poderia ser exaustivo e por isso é sempre possível levantar objecções de pormenor. Pelo menos uma, no entanto, não será exactamente menor: ao ignorar Parsons quase por completo, o livro deixa escapar não só uma Obra monumental da maior influência na Sociologia de língua inglesa como ainda diminui a percepção do leitor do porquê das pretensões críticas de autores como Mills (aqui comentado) e de correntes como o Estruturalismo. Além disso, a influência de Max Weber via Parsons não se limita ao mundo anglófono: hoje, autores como Luhmann e Habermas (e também a Sociologia de Frankfurt é ignorada) são seus sucessores, pelo menos na ambição «compreensiva». Não obstante esta reserva, a *Introdução* é rara pela sua utilidade para alunos de todas as ciências sociais e humanas. O livro, aliás, também inclui um Glossário (que repete dados já no texto e por vezes é pouco esclarecedor, o que se compreende dada a complexidade de algumas noções) e uma bibliografia bastante actualizada (a qual beneficiaria com a referência, na tradução portuguesa, das obras já disponíveis na nossa língua).

A um nível de investigação mais avançada, mesmo se pertinente também na formação de futuros licenciados, o livro de Raymond M. Lee apresenta um campo teórico até agora inexplorado em língua portuguesa, o da metodologia não interferente na pesquisa social. Trata-se de um levantamento das grandes formas de inquérito não intrusivo (isto é, que não condicione o objecto de estudo) no domínio das ciências sociais e humanas, no qual o autor recupera o estudo pioneiro de Eugene Webb nesta matéria (de 1966, actualizado em 1981). Tratando-se de métodos pouco convencionais, e apresentados muitas vezes de forma também intencionalmente pouco convencional, é caso para dizer que o atraso português neste campo não é de estranhar, quando ainda hoje as concepções de ciência mais pré-modernas que é possível conceber circulam alegremente como se fossem pertinentes ou sequer «polémicas».

Lee divide o seu trabalho por áreas de pesquisa: depois de explicar o conceito de método não interferente no primeiro capítulo, os dois seguintes centram-se na descoberta e na captação de dados; o capítulo 4 considera registos cursivos e o quinto capítulo incide sobre dados não sistemáticos, em particular os disponibilizados pela crescente e imprevisível

'mass-mediatização' da vida social; o último capítulo desenvolve esta questão ao ocupar-se de métodos não interferentes na pesquisa na internet. Em todos os capítulos consta uma bibliografia diversificada e que inclui desde as referências iniciais do problema à sua produção actual (ou quase: o livro data de 2000), com um comentário individualizado sobre cada título referido. Dirigido a um público amplo, todo o que tenha de estudar questões metodológicas na área das Humanidades, também aqui se encontra um Glossário e (instrumento quase sempre obliterado das traduções portuguesas) um índice remissivo. O conjunto permite perceber claramente como também aqui há muito trabalho científico – e também editorial – a fazer entre nós. Já se sabia, mas com indicadores desta valia percebe-se bem como há toda uma literatura ignorada nas Ciências Sociais e Humanas em Portugal que terá de ser descoberta sob pena de livros de introdução tão invulgares como estes serem desaproveitados.

Carlos Leone
(ULHT, BD/FCT)